

Voluntários cadastram alunos sem vaga em SP

Iniciativa de associações de bairro já chegou à zona sul e a municípios da região metropolitana; em Capela da Socorro, há 500 crianças e adolescentes que não conseguiram lugar em escolas municipais e estaduais

GABRIELA ATHIAS

Na época que antecede a volta às aulas, membros de associação de bairro, aposentados e voluntários transformam-se em "agentes de matrícula" de escolas públicas.

Em Capela do Socorro, periferia da zona sul de São Paulo, um dos lugares onde a oferta de vagas costuma ser insuficiente, a vendedora de tapioca Marlene Ferreira de Souza, de 38 anos, uma voluntária, já cadastrou cerca de 500 crianças e adolescentes que não encontraram ainda vaga nas escolas públicas. A intenção é matrículá-los na nova escola municipal que funcionaria no prédio abandonado da Secretaria de Estado da Saúde, invadido no dia 6, na Cidade Dutra.

No município de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, onde ainda há procura por vagas, Zélia de Brito, da Associação de Pais e Alunos de Escolas Públicas de Guarulhos (Apaeg) virou a "coordenadora da jornada de lutas por vagas nas escolas públicas". Desde que começou a colher nomes de crianças e jovens que ainda estão fora da escola, ela e a equipe de voluntários da Apaeg cadastraram cerca de 300 pessoas. Segundo ela, algumas das crianças tem 9 anos e ainda não cursaram a 1.ª série. "Aqui em Guarulhos, só conseguiu vaga quem dormiu na fila", diz ela, referindo-se à rede municipal.

Embora algumas escolas ainda tenham vagas e o número de alunos fora da escola não tenha sifão fechado, a falta de vagas na zona sul não é exatamente uma surpresa. No ano passado, a oferta foi tão inferior à quantidade de candidatos que a comunidade invadiu um prédio abandonado e acabou conseguindo apoio do governo federal para fundar a Sala Chico Buarque. Foi nessa época que a barraca de ta-

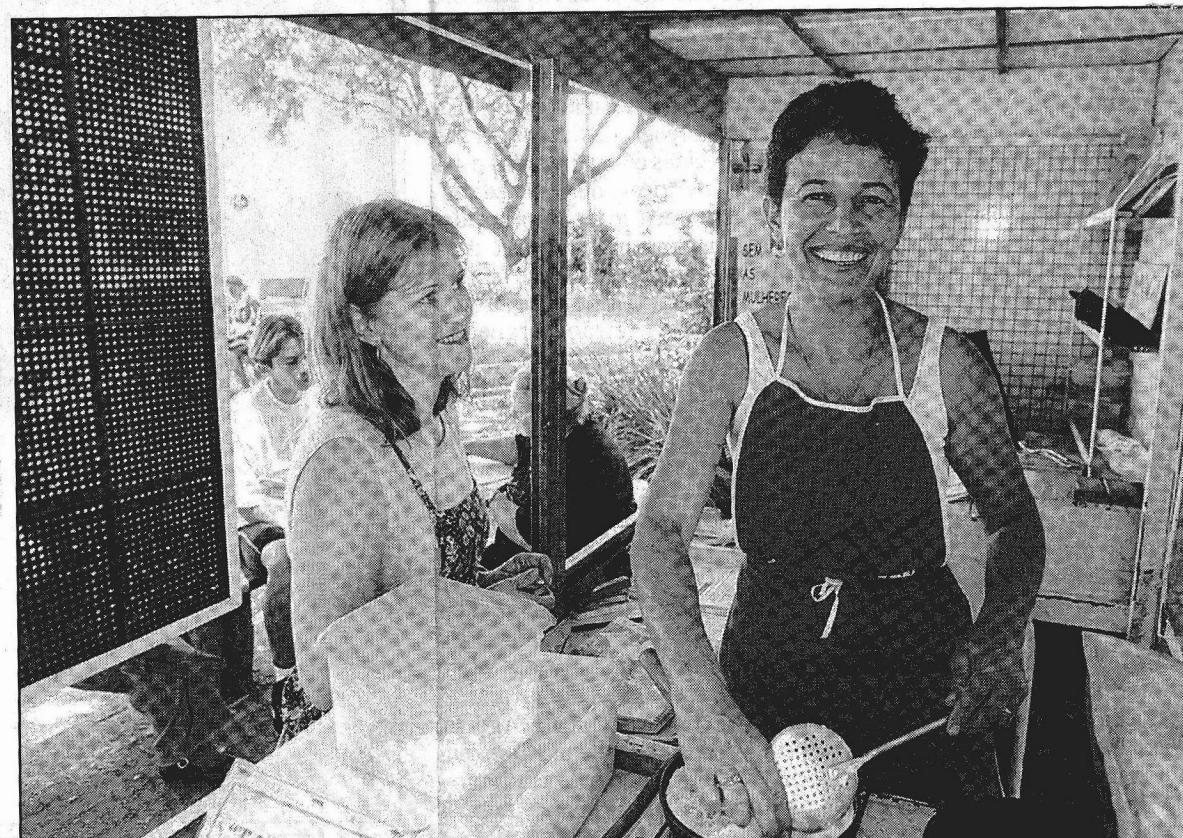
pioca da pernambucana Marlene, mulher de sorriso largo, virou o ponto da comunidade.

"Essa barraca é uma referência", diz Marlene, que desde o ano passado, junto com Carlos Gianazzi, do sindicato dos professores municipais, vem trabalhando pelas escolas da região. Quando não é época de matrícula, Marlene, ajudada pelo marido, Rivaldo, torneiro mecânico aposentado, transporta a barraca dobrável em um Voyage 1983, de sua casa, no Jardim Satélite, até a Praça Escolar, em Cidade Dutra. Durante esse mês, um membro da comunidade cedeu uma barraca fixa, para facilitar o armazenamento das fichas que são preenchidas pelos candidatos. Lá, ela faz cadastro e vende tapioca.

"Virei agente comunitária movida pela indignação contra a falta de vagas e de qualidade na escola pública", conta Marlene, que tem dois filhos na rede municipal. "Temos de lutar", diz essa migrante que ainda guarda um pouco do sotaque nordestino e muito bom humor.

Este ano, o cadastro está extrapolando os limites do bairro. Moradores de locais mais distantes estão à procura de vaga. Juliana Pinto da Silva, de 16 anos, cadastrada ontem, está disposta a vir diariamente do Grajaú se conseguir uma vaga na 4.ª série. "Procurei perto de casa, mas não encontrei", diz ela.

A Assessoria de Imprensa da Secretaria de Estado da Educação informa que na Cidade Dutra "há vagas para todos". O problema, segundo a assessoria, é que pessoas de outros lugares estão procurando vaga naquela área. Já a Secretaria Municipal de Educação informou que nenhuma criança ficará fora da escola. O ofício solicitando o prédio abandonado à Secretaria da Saúde será encaminhado até o fim da semana. Ainda não há decisão oficial sobre o assunto.



A vendedora de tapioca Marlene Ferreira de Souza: "É preciso lutar pela qualidade da escola pública"